



A Saga de

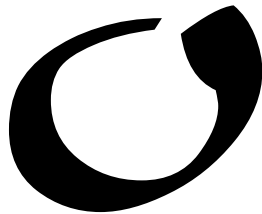
# Mitrax

# As Três Marias

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo

Capa: Pintura de Peter Nicolai Arbo



Monte Alionor estava particularmente irado

naquele crepúsculo. Fragmentos incandescentes eram projetados a mais de cem metros de altura, numa fúria aterradora. Mas, naquele momento, a lava que voava e a que se precipitava pela borda sul da cratera eram as coisas que menos preocupavam a Grande Rainha de Ouros.

Ali, bem diante dos seus olhos, agarrado numa protuberância, olhando-a profundamente, estava o Príncipe dos Homens. Ela via o seu peito arfando, subindo e descendo por trás dos seus pelos que, embora abundantes, não escondiam completamente a sua pele cinzenta, e os seus mamilos quase humanos.

Bethelguelse, a despeito de sua avançada idade, estava de pé sobre um dos trechos mais altos da borda da cratera do vulcão, com o rosto sério, destemido, segurando o cajado de diamante em direção ao Senhor dos Mortos. As mãos da rainha lhe doíam, segurando exageradamente firme o cabo de sua espada nuai, que ainda não havia desembainhado, enquanto o escudo lhe parecia mais pesado que nunca.

Viu-o mexer os lábios e, a despeito do extremo rugido do Alionor, pôde ouvi-lo claramente:

-Volta a Marmórea, Anahar. Deixa-me cumprir minha sina!

E aquela voz não lembrava nada de humano. Antes, era uma espécie de sussurro. Mitrax, por certo, não falava. Antes, insinuava.

-Tua sina é permanecer onde foste colocado pelo Senhor da Luz! – respondeu a rainha, sacando a espada.

O Príncipe estava praticamente pendurado. Segurava firmemente a protuberância, com suas garras solidamente fincadas, e uma de suas patas que outrora fora um pé se firmava sobre uma rocha. A outra pendia sobre o precipício, sobre a Garganta Sem Fim.

Então, Mitrax ergueu um dos braços, e sua face humana declarou:

-Não poderei permitir que me detenhas!

Ao ver que o Príncipe dos Homens insinuava um ataque, Bethelguelse enrijeceu o braço e gritou:

-Coagulatio!

Mas Mitrax era poderoso, rápido e esperto. Fez um círculo com a mão livre no ar e sua mente criou um campo de força em forma circular, um escudo astral, que repeliu o encantamento.

Anahar viu que aquela era a sua oportunidade. Ele pendia sobre o abismo. Uma de suas asas fora aleijada por toda a eternidade por Alionor, portando, ele não podia voar, pelo menos não direito. E o rosto da rainha não exibia medo. Ela nunca se permitira esse tipo de sentimento. A ternura de seu coração havia se exaurido com o tempo e com a solidão. Não, a única coisa que transparecia de sua face era a determinação.

Mas Mitrax rapidamente lançou o contra ataque. Fez uma careta, mostrando os dentes pontiagudos e, então, soprou. Soprou Bethelguelse para longe. A maga caiu para trás, rolando pela encosta externa do vulcão.

Mas, enquanto isso acontecia, Anahar ergueu o escudo, estendendo o braço esquerdo em direção as primeiras estrelas. Então, gritou:

-Alionor!

Assim, o escudo voou levando-a consigo. Assim, transpôs a distância que a separava de Mitrax de um salto, atravessando a extensão da cratera. Ao mesmo tempo, preparou a espada. Tinha a intenção de partir a cabeça do oponente em duas, mas Mitrax podia ler-lhe a mente. Assim, tão logo percebeu tudo, elevou a mão livre, para deter do golpe.

A espada mágica, então, atravessou-lhe a palma da mão e aquele sangue transparente passou a jorrar abundantemente. Anahar percebeu imediatamente que estava perdida. Seu golpe não atingira o objetivo e, agora, estava pendurada, segurando firmemente o cabo da espada com as duas mãos, sendo que esta se fincou firmemente na mão esquerda do anjo caído. Seu escudo havia se perdido, provavelmente se soltava durante o golpe, mas não sabia ao certo, pois se concentrara completamente no movimento de voleio da espada.

Mitrax ergueu o braço esquerdo, elevando a rainha junto, ela vislumbrou os detalhes do seu imenso corpo, desde o abdômen desprovido de umbigo, até a face incrivelmente humana do monstro. Ele tinha olhos cinzentos, cabelos grisalhos encaracolados e sua face redonda lembrava um pouco a do seu há muito finado pai.

Seus braços vacilaram mas, ao perceber que a rainha ia cair, Mitrax soltou sua mão direita e a agarrou, na sua roupa de combate, pelas costas. Assim, ficaram face a face.

-Só há uma coisa adiante no caminho do homem, Anahar – disse o Príncipe das Trevas. – Só há uma coisa além da próxima curva: sofrimento, sofrimento!

Então a rainha fez um esforço tremendo para libertar a espada. Mas ela estava firme como uma rocha. E havia alguma magia naquilo, pois nunca mais aquela lâmina poderia ser tirada das entranhas daquela mão. Mas o esforço mental, a tensão entre os dois, foi tamanho que a lâmina se partiu nas proximidades do cabo e Anahar, por alguns segundos, se viu perdida, segurando ainda firmemente o cabo mas, ao mesmo tempo, solta no ar.

Mas Mitrax, para apanhá-la, se soltara e a pedra em que se equilibrava era lisa e arredondada. Assim, o principado caiu. Caiu, não porque não poderia se equilibrar naquela pedra, mas porque a lâmina o corroía nas carnes... e no espírito.

Anahar sentiu como se o tempo parasse. Sabia que aquelas seriam suas últimas inalações de ar. Sabia que, logo, chegaria o tempo do longo sufocamento. Mas, antes de se precipitarem no abismo, a rainha, que ainda sustinha no seu campo de visão a face do inimigo, imaginou, por um breve instante, ver-lhe uma lágrima rolando pela face.

E assim foi que Anahar, a Grande Rainha de Ouros, e Mitrax, o Príncipe dos Homens, se precipitaram na Garganta Sem Fim. Bethelguelse, a única testemunha incompleta da cena, quando chegava novamente à borda da cratera, mal pôde ver a ponta da asa sã do anjo caído, batendo, tentando, como num reflexo, voar, mas obviamente sem sucesso, pois ambos os gladiadores sumiram nas profundezas.

Tudo o que restou do episódio foi o escudo. A maga o achou caído na borda anterior à garganta. Então, apanhou-o e ficou, por um longo período de tempo, olhando para o símbolo do Tao.

#####

Castor olhou por cima da folha de couro de carneiro, encarando desconfiadamente a platéia, após ler silenciosamente o seu conteúdo. Lentamente, baixou-a. Os reis e toda a corte estavam em expectativa, todos reunidos ali, em pé, no salão do Conselho. O mago encarou especialmente dois deles: Ilmo Laro, o chamado Titus Beliarius, e Eunio Morus, os reis de Belária e Aldária. “Eles não vão gostar nada disso”, pensou.

Mesmo assim, passou a mão através da careca, limpou a garganta e declarou:

-Vossas majestades sabeis que a Grande Rainha Anahar, a Segunda, pereceu em batalha contra Mitrax há uma semana. Seu testamento, embora curto, é claro. Leia-se.

Então, levantou a folha e continuou:

-“Em caso de não existir um descendente consangüíneo, nascido de meu próprio corpo, declaro que meu sucessor, como soberano absoluto de todo o Grande Reino de Brenor, será o general barrateano Bronuald Ankita”.

Mesmo antes de terminar de ler, um burburinho geral tomou conta do recinto. O velho Castor observou que os dois reis, em particular, pareciam indignados. Morus, taciturno como sempre, cruzou os braços no peito e passou a encará-lo ameaçadoramente. Titus, como sempre, passou a falar incontroladamente, gesticulando. E tanto falou, e com tal veemência, que logo os demais presentes se calaram, para ouvir a sua voz:

-...e quantos amantes a rainha teve? Este deve ser o... o quinquagésimo!

Então, o rei de Beliária se voltou para Castor e indagou desafiadoramente:

-Ora! Um mero soldado barrateano da pior espécie, um beberrão de família sem tradição que foi feito general porque caiu nas graças da rainha! Aliás, caiu-lhe na cama! O que tens a dizer sobre isso, mago?

Castor viu claramente que as mãos do belariano tremiam e que sua testa suava. Estava indignado, irado. Então, com a sua calma habitual, uniu as mãos na frente, ainda segurando o testamento, fez uma pausa e claramente disse:

-Lumerae apoiará o desejo da rainha.

Agora, o ódio nos olhos do rei atingiram proporções insuportáveis, ao que ele bradou:

-Pois Beliária não apoiará.

E, com a mão firmada sobre o cabo da espada, deixou o recinto, abrindo caminho por entre a multidão. Mais uma vez, Castor olhou nos olhos de um por um e soube o que se passava na mente de cada um deles. Viu que, dentre os reis, os únicos que apoiariam Ankita seriam Aldald Lomarius, seu conterrâneo, e Thormuald Andarionis, de Goliah. Aliás, os demais se retiraram do salão, um a um lentamente, alguns evitando encará-lo, outros desafiando-o silenciosamente.

Por fim, Castor baixou a cabeça, mirando o chão e pensando:

“Que o Senhor da Luz não permita que esse reino sucumba em guerra!”.

#####

Antes de montar no cavalo, Titus foi alcançado por Morus.

-Devemos conversar, Ilmo.

-Se pensas que me impedirás, desiste! – respondeu o belariano rispidamente.

-Ao contrário – disse calmamente o aldariano, - proponho uma aliança.

-Uma aliança? Que tipo de aliança?

-Uma aliança contra Ankita – respondeu Morus, prestando bastante atenção nas reações do outro rei. – Procurarás aliados no sul e eu no norte. Cercaremos Marmórea, se necessário. Se nos aliarmos, ele não poderá assumir!

-Ah, é, espertalhão, e quem será o novo rei? Tu, presumo!

-Poderá ser escolhido por um conselho formado pelos reis aliados. Mas proponho um governo transitório, um biunvirato, entre eu e vossa majestade.

Essas duas últimas palavras foram ditas num tom de ardilosa bajulação, mas isso não foi percebido pelo rei beliariano, cuja testosterona estava demasiadamente a florada. Titus Beliários, então, pensou por alguns segundos, montou no cavalo, e declarou:

-Combinado!

-Duas semanas para prepararmos nossos exércitos, e mais uma de deslocamento. Proponho que nos reunamos além das muralhas no dia 23 – Morus já havia pensado em tudo.

-Tendes a minha palavra... majestade! – declarou o beliariano, esporeando sua montaria.

#####

E assim, no dia 08 de maio de 801 EGRR, Bronuald Ankita, à frente de dez mil cavaleiros, aproximou-se da muralha leste de Marmória, tendo sido recebido, além do Portão das Ondinas, pelo mago Castor.



O rei desceu de seu cavalo e se apressou em dar um abraço no mago, informalmente, enquanto o idoso tentava saudá-lo.

-Majestade! – tentou dizer, meio que sufocado pelo abraço forte.

-Castor! Como estás? – indagou o rei, sorridente.

-Melhor agora, com vossa chegada! Devemos conversar. Vinde!

Então, abriram caminho entre a multidão que os rodeava. Enquanto entravam na cidade e caminhavam pelas ruas, sendo o rei saudado pela multidão, Castor pensava nas palavras que iria usar. Ele conhecia as pessoas, sabia que Ankita era amado pelo povo e tinha bom coração. Mas sabia também que era inexperiente em política, embora fosse mestre nas táticas de guerra.

Após se instalarem numa sala simples, onde Castor administrava, após presentear o rei com uma bela taça de vinho forte e falar sobre a reação dos reis, Ankita declarou, após pensar por alguns instantes:

-Talvez devesse renunciar, Castor.

-Renunciar? Estás maluco?

-Para evitar derramamento de sangue...

-E quem assumiria? O vaidoso Titus? O ambicioso Morus?

-Não tenho sangue real, Castor...

-Sangue? Não é o sangue que faz um grande rei! Mas o caráter! – respondeu o mago energicamente, quase enfurecido. Depois se acalmou e continuou:

-Entregar o reino nas mãos de um ambicioso é o mesmo que condenar o povo à miséria, dor e escravidão, Bronuald. Pensa nisso.

Ankita o olhou com o rabo dos olhos, girando a taça na mão. Os próximos anos seriam dramáticos.

#####

E, de fato, em 20 de maio de 801 EGRR, Titus Beliários cercou Marmórea com um grande exército, sem esperar por Morus e apoiado pelos reinos de Bresul, contando com um contingente de cento e vinte mil homens. O cerco durou um dia, sob uma chuva de flechas incendiárias e pedras lançadas por trebuchetes, que não conseguiram transpor os cinquenta metros de altura das fortes e flexíveis muralhas da cidade.

Mas, quando os carneiros belarianos conseguiram forçar o Portão dos Gnomos e o rei pediu o conselho de seu mago, este declarou:

-Vamos nos render.

É claro que o rei olhou desconfiadamente para Castor, mas este sustentou um olhar de quem sabe das coisas.

Assim, o mago lumeraeano se ofereceu para conferenciar com o Rei Beliariano, apresentando-se ao seu acampamento, ao sul da capital brenoriana. O rei o recebeu em sua tenda, perguntando presunçosamente, acreditando-se já o Grande Rei de Brenor:



-O que queres, mago?

-Propor os termos da rendição...

É claro que Titus ficou interessado e não sabia esconder isso. Ele não tinha muito tempo. Logo, os irmãos Morus chegariam e eles não gostariam nada da iniciativa do beliariano em se declarar rei. Precisava desesperadamente estar entre as muralhas antes disso.

Mas Castor, como sempre, foi tranqüilo e objetivo:

-Abriremos os portões e entregaremos Marmórea pacificamente. Mas Ankita deve permanecer vivo.

O rei se levantou vagarosamente das almofadas, sem conseguir esconder o sorriso. E ele disse exatamente o que o mago previra:

-Está bem. Mas Ankita será confinado numa cela no calabouço até que toda Brenor me reconheça como o Rei Maior.

Castor fechou os olhos e abaixou a cabeça. Um sinal sutil de submissão. Ou, pelo menos, era o que queria que Titus Beliárius acreditasse. Então, o mago olhou em torno, para os oficiais que ali se encontravam e finalizou:

-Devo observar, Vossa Majestade, que destes vossa palavra diante de vossos oficiais.

O sorriso no rosto de Beliárius se esvaneceu. A dúvida a respeito da palavra de um rei era um ultraje, mesmo partindo de um mago. Assim, com uma voz um pouco alterada e tremida, declarou:

-Vai e abre o portão, ancião.

Castor repetiu o gesto, fechando os olhos e se inclinando, e se foi.

#####

Assim, enquanto Titus Beliárius entrava na cidade, montado sobre o seu cavalo branco, escovado e perfumado, em triunfo, acenando para uma população desconfiada, a centenas de quilômetros ao sul, no interior de Alba Alberis, Aldebaran se casava com Celeste.

Ela usava uma coroa de Miriahlis, aquelas florezinhas brancas que cresciam a poucos centímetros do chão. Fora feita por Aldebaran naquela manhã. Rigel estava com as mãos unidas à frente, dizendo algumas palavras, diante do casal de braços dados. O Cajado da Ira repousava na grama, a alguns metros dali.

-...e Sirius uma vez escreveu – continuou Rigel, - na introdução das suas epístolas:

Por onde quer que eu olhe

Tudo o que meus ouvidos me trazem e o que quer que sinta

Tenho diante de mim um mundo constituído por milhões de mentes

Perdidas e incoerentes

Num turbilhão de anseios, medos, dúvidas e expectativas

E, diante do caos que cria o mundo,

Nossa única esperança, nosso único arrimo

É o Amor que brota de nossos corações!

A pequena multidão que os rodeava – uns vinte ou trinta parentes de Celeste e outros conhecidos – aplaudiu, embora Rigel não esperasse que eles houvessem entendido aquelas palavras. Na verdade, não esperava que mesmo Celeste compreendesse, ainda mais porque ela, parecia, estava tão feliz que parecia flutuar em outro mundo, uma espécie de paraíso. Mas Aldebaran... esse sim compreendia o significado exato de cada uma daquelas palavras, cada uma, sem exceção.

Enquanto o casal se beijava, Rigel não podia deixar de pensar. Sua mente estava um turbilhão. Aldebaran acabara de completar os Doze Ensinaamentos. Poder-se-ia dizer que, agora, era, de fato, um mago. Inexperiente, sim, mas um mago. E sentia falta de Saiph. Os dois eram tão amigos, mas Saiph escolhera outro caminho. Um caminho perigoso e sinistro. E os dois foram os seu melhores alunos, mesmo considerando Belatrix – que não prestava atenção direito no que ele dizia -, mesmo considerando as Donnas da Vila do Pé do Monte e também Anahar, aquela teimosa. Bethelguelse não tivera paciência para treiná-la. Não. Aldebaran e Saiph foram os melhores. E tempos difíceis se aproximavam. A Ordem estava velha. Bethelguelse, Castor e Pólux já não tinha a mesma agilidade e clareza da mente. Belatrix havia perecido no combate contra Antares. Saiph seguira o mesmo caminho que Meissa. Sirius, é claro, jamais retornaria. Conclusão, restava apenas ele, Aldebaran. Era a esperança da Ordem. Mas ele estava se casando! Logo teria filhos, e então...

E assim devaneava o Professor da Ordem de Lumerae, o portador do Capelo de Atoz.

E, à noite, na festa promovida pela família de Celeste, por uns instantes, Rigel se afastou com o seu ex-aluno e, novamente, tocou naquele assunto:

-Tu és um mago e ela, uma humana.

-Eu sei... – respondeu Aldebaran, com a sua impaciência característica, olhando para as estrelas, afastando os negros cabelos dos olhos.

-Verás ela envelhecer, ficar idosa... enquanto tu...

-Eu sei – interrompeu o jovem mago.

-Estás preparado, não estás?

Aldebaran suspirou:

-Não sei se estou preparado, Rigel. Vou envelhecer também... um pouco, quero dizer. Só sei que... só sei que fiz o que tinha que fazer, porque... porque a amo!

Rigel sorriu, mas o sorriso durou pouco. Então, finalmente falou com os olhos fixos no chão:

-Ontem recebi a notícia que a Grande Rainha pereceu em combate contra Mitrax. Tempos difíceis se aproximam, Aldebaran.

-E Mitrax?

-Pereceu também. Bethelguelse estava presente, e sobreviveu. Os dois caíram na garganta do Monte Alionor. Terei que voltar a Brenor, Aldebaran.

O jovem mago ficou pensativo e um tanto dividido. Algo lhe dizia que tinha que ir com Rigel. Mas agora, como poderia?

#####

Mas os fatos que se sucederam impediram com que Rigel chegasse ao Ducado de Marmórea. Pois, na madrugada do dia 23, Eunio Morus, o Rei de Aldária, ao lado do seu fornido irmão, Charlo Fall, passaram pela Cidade do Porto, à frente de cento e trinta mil homens.

Nesse momento, numa cela úmida e escura, Bronuald Ankita, deitado naquela tábua que chamavam de cama, olhava para o nada, com as mãos unidas na nuca, após uma noite em claro. Não conseguia parar de pensar em Anahar, enquanto seu coração lhe enviava a mensagem enigmática de quão amarga era a vida.

Jamais conhecera, ou conheceria, mulher como aquela. Estava certo que ela tinha lá os seus setenta, mas aparentava no máximo quarenta e cinco e, quando ela passava, altiva e resoluta, que homem não a desejaria? E, numa noite como aquela... que mulher! Depois, estava apaixonado. Não, amava-a. E descobrira isso hoje. Aquilo que parecia apenas uma atração carnal, uma brincadeira... Até o fim dos seus dias amarguraria por ter perdido o grande amor da sua vida, sem antes mesmo que soubesse.

Então, aquele devaneio foi subitamente interrompido por um rangido arrepiante e, de repente, Rigel estava do seu lado, por trás de uma tocha.

-Chegou o momento. Morus se aproxima!

Assim, apressadamente, seguiram pela passagem secreta até as cavernas do lado norte, onde esperava um cavalo lumeraeano com fogo nos olhos.

-Não vai a Barratas. Seria o primeiro lugar que o esperariam – repetiu Castor. - Teu destino é Lothar Eralda, onde te receberão bem – já tratamos disso. Fica lá, até que haja uma oportunidade. Boa sorte, meu amigo!

Então, se abraçaram. Ankita subiu sobre o cavalo e partiu sozinho, com vestes simples que, absolutamente, não o identificavam. Quando estava fora da caverna, ainda olhou para trás, para, pela última vez na vida, ver o paciente mago de Lumerae acenando-lhe.

#####

É claro que Eunio Morus ficou extremamente irado ao encontrar os portões da capital completamente cerrados e ser recebido por uma saraivada de flechas. Titus havia colocado a coroa sobre a própria cabeça e declarado o rei de toda Brenor. O Rei de Aldária deu a este um ultimato, em que deveria abrir os portões em quarenta e oito horas ou seria enforcado. Mas o beliariano não obedeceu. A cidade tinha provisões para anos de cerco. Então, os irmãos Morus montaram acampamento em torno de Marmórea e, a despeito de chuvas de flechas disparadas contra a cidade e incursões contra os portões, Marmórea resistiu passivamente ao cerco.

Mas, após quase um ano, em 18 de abril de 802, chegou ao acampamento das forças do norte um aparelho comprado no mercado negro de Brunália Dominion: um carneiro feito de aço. Tratava-se de uma carroça blindada, podendo abrigar vinte homens em seu interior, que podiam mover uma pesada haste de puro ferro, em vai-e-vem, cuja extremidade anterior tinha a forma de cabeça de carneiro. A carroça deslocou-se lentamente em direção ao Portão das Ondinas e, a despeito da chuva de flechas e lanças que recebeu, e também de um banho de óleo fervente, o carneiro destroçou o portão.

Em poucas horas, os generais sulistas se rendiam. Temendo a reação dos reinos do sul, Morus não enforcou Titus, encarcerando-o no calabouço. Mas, tal qual fizera o beliariano, colocou a coroa sobre a cabeça, declarando-se Rei da Grande Brenor, com a aprovação de um conselho de reis constituído artificialmente. Tal conselho foi formado pelo Rei de Armon, por representantes dos territórios do norte (Bhorgarium, Colconetha e Dalbathea) e logo foi reforçado pela adesão do Rei de Olmea que, embora fosse sulista, era parente distante dos Morus. Os reinos de Barratas e Goliah mandaram mensagens neutras, dizendo-se que não eram contrários ao novo rei, mas não mandaram representantes ao conselho. Então, Belária foi o único reino que permaneceu na oposição. Mas não por muito tempo, pois, dois meses depois, um numeroso exército invadiria o reino e daria fim à casa Laro. O novo rei de Belária, escolhido por Morus, foi o chefe do clã Entelfior, cuja casa seria berço de futuros reis de Brenor, como Hgar e Elendar.

Em 23 de maio de 802 EGRR, no aniversário da chegada dos Morus em Marmórea, Titus Belários, agora uma figura magra e maltratada, foi julgado diante do conselho e considerado culpado por traição e responsável pela fuga de Bronuald Ankita. Assim, o antigo rei de Belária foi decapitado por Charlo Fall Morus, que, a partir de então, seria conhecido como o Carrasco de Marmórea.

No dia seguinte, foi a vez de Castor. O mago havia sido preso tão logo o novo rei se apresentara e, para que não fugisse ou usasse magia, fora acorrentado, embora, por mais que procurassem, não haviam achado a sua varinha.

Assim, envolto em grossas correntes, o idoso mago foi apresentado diante do conselho. Ele estava de pé, enquanto que os reis e demais nobres se encontravam confortavelmente sentados a sua volta.

Castor manteve os olhos fixos no rei, Eunio Morus. Podia ver a arrogância da ignorância da vontade de poder, a ambição a qualquer preço. Aquele olhar incomodou o rei, que não pode sustentar os olhos, desviando-os para outro lado. Mas o chefe do conselho acabara de falar:

-...e negais as acusações que vos foram feitas?

O mago permaneceu silencioso por alguns segundos, somente para produzir o eloqüente efeito do silêncio. Depois, não se defendeu nem acusou, mas simplesmente disse:

-Triste sina é a dos homens, levados pela ilusão do poder. Quão infelizes aqueles que perseguem o cetro e o ouro, pois o espírito do ambicioso e do corrupto nunca está em paz, pois ele não sabe em quem pode confiar. E sabe, no íntimo, que, um dia, mais cedo ou mais tarde, será traído!

Aquelas palavras produziram um efeito sutil no interior do rei e dos demais presentes. Castor acabara de implantar a ruída do reinado dos Morus. Mas ele apenas jogara a semente da verdade na terra. A semente que floresce e devora a vida do corrupto.

Mas Charlo Fall tomou aquilo como uma imperdoável ofensa – embora fosse tarde, pois a semente da desconfiança já estava plantada, e é tudo o que pode restar ao ambicioso – e sacou de sua espada, atravessou a passos largos os dez metros que o separavam do mago e enfiou-lhe a lâmina no ventre, até o cabo, de baixo para cima, até ela sair pelo alto de suas costas. Castor sentiu-se abandonar o seu corpo, como uma dormência, absolutamente sem dor.

E, na zona rural de uma vila pobre de Dalbathea, o mago Pólux, irmão gêmeo de Castor, ajudava uma família de camponeses a instalar um sistema de irrigação. Tão logo o irmão deu o último suspiro, Pólux sentiu seu peito explodir por dentro e caiu fulminado no chão, com o rosto para baixo, no meio da plantação de tomates. As crianças daquela família, que estavam por perto o sacudiram inutilmente:

-Mestre Pólux! Mestre Pólux!

O rei Morus se levantou e declarou:

-As palavras do mago foram bastante claras. Lumerae traiu o Grande Reino. Assim, ordeno que todos os magos dessa ordem sejam executados!

Então, os irmãos se olharam. Já se conheciam o bastante para Charlo Fall entender que aquilo era uma ordem. Assim, este inclinou a cabeça, em sinal de obediência, e saiu

apressadamente do salão. Mas qualquer fidelidade que demonstrasse ao rei já estava condenada, pois a desconfiança entre os dois já imperava.

E, em 26 de maio, uma coluna de trezentos cavaleiros montados, portando armaduras de prata reluzentes e lanças adentrou a vila do pé do Monte Lumerae, seguindo o caminho que se transformaria no passo que contornava o monte e levava até a Cidadela, localizada a mais de três mil metros acima, no topo.

Mas, tanto quanto o monte e a cidadela, a vila também era sagrada, o que despertou o medo nos cavaleiros, levando a comentários feitos em voz baixa:

-Vamos ser amaldiçoados por isso!

Charlo Fall, que liderava a campanha, ouviu aquilo e ordenou:

-Silêncio! Sigamos as ordens do rei. Nesta coluna é proibido, a partir de agora, falar!

Mas as bocas não precisavam emitir som, quando os olhos podem falar. E o medo estava nos corações daqueles cavaleiros. Passavam pelas ruelas, enquanto os moradores, assustados, se trancavam em suas casas, carregando as crianças. Contudo, em uma esquina ou outra, ou mesmo na lateral de uma rua, sem se importarem de serem vistas e, mais ainda, fazendo questão de encarar os soldados, estavam elas, as donnas. Mulheres simples, idosas, jovens e crianças, vestidas com roupas cinzentas que pareciam sacos de batatas, mas com um olhar penetrante, quase hipnótico. Dizia-se que eram feiticeiras e que os magos as treinavam nos Doze Ensinamentos. Dizia-se que eram as guardiãs do Monte Lumerae há milênios, mesmo muito antes de Sirius ter criado a Ordem. Dizem que podiam modificar as tranças do destino e matar um homem com um simples olhar. E era isso o que elas faziam agora: resolutamente, os olhavam.

Mas nada mais fizeram, de forma que os cavaleiros, perturbados, lentamente seguiram em frente. Iniciaram a subida do monte ao meio dia e, na manhã do dia seguinte, estavam diante do Portão Sagrado de Oth, construído há milênios pelos Antigos, a entrada da Cidadela. Mas os cavalos não quiseram passar pelo portão. Empinavam e rodopiavam. E, mesmo sob açoite, não avançaram. Então Charlo Fall ordenou que desmontassem e seguissem a pé. Contudo, ao passarem pelo portão e dentre as construções mais recentes, embranquecidas pela neve que caía sem parar, a coragem lhes abandonou. Seus corações se apertaram e as pernas passaram a tremer, de forma que, quando se postaram diante da Grande Pirâmide, no centro da Cidadela, alguns nem conseguiam ficar de pé.

Não havia ninguém na praça central. Todos os servidores deveriam estar dentro das construções. Mas não importava, o general aldariano queria a Grã-Sacerdotisa e ele sabia que ela seria encontrada na pirâmide. Mas anteviu também que a maioria dos seus homens desmoronaria assim que entrasse na antiga construção. Sabia disso pois sentia também. Tinha que fazer um esforço tremendo para não despencar, pois suas pernas fraquejavam.

Embora tivesse ordenado silêncio, ouviu a palavra “magia” quando entraram na cidadela, mas tinha que tirar isso da mente: “Magia nada!”, pensou. “O ar aqui é mais fraco! Já ouvi falar nisso!”. Então, avaliou quais de seus homens pareciam mais firmes. Escolheu meia dúzia deles que, por acaso, eram os mais fortes e estúpidos e, com eles, subiu a rampa que atravessava o túnel que dava acesso ao interior da pirâmide. Seguiu sempre em frente, conforme ouvira falar, iluminado apenas por archotes, até chegar ao salão central, que era iluminado por luz natural, vinda do topo da pirâmide.

Contra todas as expectativas, Bethelguelse, a Grã-Sacerdotisa, estava lá, esperando-os, pacientemente sentada numa cadeira de madeira com braços torneados, sorrindo.

Diante daquela visão, o general se deteve. Ele esperava que tivesse que procurar por ela e agarrá-la firmemente. Mas ela simplesmente o encarou e indagou calmamente:

-Em que posso servi-los, senhores?

O general achou que era uma armadilha. Então, olhou em todas as direções. Mas não havia mais ninguém ali.

-Fostes acusada de traição e considerada culpada pelo Conselho dos Reis – declarou Charlo Fall, com sua voz ecoando pelo recinto, como na nave de uma catedral, - tendo recebido a sentença de imediata execução!

A idosa maga nem se abalou, afinal, o que poderia surpreender a mais poderosa profetisa da Micropella? Bethelguelse, simplesmente, sorrindo, respondeu:

-Vossas espadas podem dar um justo descanso para este corpo desgastado pelo tempo, mas não poderão apagar as chamas dos jovens espíritos que se levantarão contra aqueles que vêem em si mesmos o propósito de suas vidas!

Mas o general aldariano desejava dar logo um fim àquela empreitada, então simplesmente sacou novamente a sua espada e, sentindo-se dentro de um sonho, projetou a lâmina contra o peito da anciã, varando-lhe o coração. E, naquela encarnação, Bethelguelse morreu olhando para cima, com a cabeça pendida para trás, sorrindo.

#####

E, em 15 de novembro de 802 EGRR, Celeste deu a luz a uma menina, Maria Alva. Esse foi talvez o dia mais feliz de sua vida. Alheia aos anos negros que se seguiriam, ela sentia que havia atingido o grau máximo de felicidade possível a um ser humano. Desde sempre, Aldebaran nunca deixara de ser atencioso com ela. Estavam sempre sorrindo e se abraçando, de forma a arrancar sorrisos da população por onde quer que passassem. Aldebaran havia construído uma casa de madeira na vila onde moravam, nas proximidades do Rio Planoin, no sul de Alba Alberis. E, mais recentemente, havia confeccionado um pequeno berço de madeira, montado sobre dois pés na forma de arco, de forma a ser possível balançar o bebê de um lado para o outro. Celeste forrara-o com almofadas e panos que bordara durante a gravidez.

A menina nasceu sem chorar, num parto tranqüilo. Celeste jamais imaginou o que seriam os sentimentos que se lhe apossaram do coração ao carregar o bebê e pensou: “Que mais eu poderia querer?”.

Assim, o final do ano e início de 803 foram mágicos para o casal. O conforto sentimental que experimentavam os fazia ver o futuro como algo brilhante e esperançoso, como se os problemas do mundo em breve desapareceriam.

Contudo, em fevereiro, um esbaforido Rigel apareceu na vila. Entrou abruptamente no pequeno lar do casal e disse:

-Preparai vossas coisas. Homens de Morus se aproximam da vila!

Celeste não acreditou no que ouviu. A princípio, julgou ser uma brincadeira do mago. Mas, ao longo dos minutos que se seguiram, sentiu-se como mergulhando num pesadelo. Rigel explicou que o rei havia descoberto onde Aldebaran morava e havia feito um acordo com o monarca de Alba Alberis. Então, o casal teve que juntar apressadamente os objetos e comida que podiam carregar (felizmente tinham uma carroça puxada por um único cavalo). Aldebaran improvisou uma cobertura sobre a carroça pois, quis o destino, começou a chover torrencialmente.

Assim, com a chuva pesada a cair, com Aldebaran e Rigel na condução da carroça, Celeste, com o bebê no colo e Pom-Pom, o gnomo, do seu lado, sentada sob a tenda improvisada sobre a carroça, viu as casas simples da vila desaparecendo, conforme o veículo avançou pela estrada.

-Para onde vamos, Rigel? – indagou Aldebaran, manipulando as rédeas. – Temos duas opções: a oeste, para Monor, ou para leste.

-Vamos para leste. Os monorianos venderiam a própria mãe por uma moeda! Morus ofereceu mil moedas de ouro para cada uma de nossas cabeças! Logo, este lugar estará infestado de caçadores de recompensa!

-Não entendo porque o rei fez esse acordo com Morus, - declarou Aldebaran, - depois de tudo o que fizemos em Mozerade!

-Acredito que ele não teve escolha, Aldebaran – respondeu Rigel. – O exército alberiano não poderia fazer frente a um décimo das forças de Brenor!

Contudo, as estradas estavam vigiadas de forma que, não muito distantes da vila, foram parados por uma guarnição de lanceiros alberianos. Mas, quando o capitão da guarnição disse que iria revistar a carroça, ainda sob chuva, Rigel olhou para ele com os olhos penetrantes e afirmou seguramente:

-Mas, lembro-te, oficial amigo, que vossas ordens se referem a um gigante que tem três dedos na mão esquerda!

E aquilo foi dito com tanta veemência, diante de um homem de mente fraca, que logo o capitão se convenceu de que suas ordens eram aquelas mesmas e deixou-os ir. Assim,



percorreram cerca de cento e vinte quilômetros, durante quatro dias, atravessando estradas enlameadas, até que chegaram a outra vila, esquecida pelo tempo, incrustada entre as colinas Nardorianas, no sudeste do reino de Alba Alderis, onde Rigel tinha alguns conhecidos que lhe deviam favores. Ali, eles viveram durante cerca de dois meses.

O jovem mago Aldebaran construiu uma nova casa, mas a felicidade não retornou tão plena quanto antes, pois a desconfiança de serem descobertos rondava aquela moradia. Rigel quase não parava na vila, indo e vindo frequentemente, e, sempre que questionado para onde ia, respondia:

-Para o rio, para o rio!

O que diminuía um pouco a angústia de Aldebaran era a presença de Pom-Pom. O jovem gnomo possuía o campo de distorção probabilístico em torno de si, que Cornelius, o elfo matemático, havia descoberto no passado. Então, de vez em quando, o mago dizia para ele:

-Ao menor sinal de perigo, Pom-Pom, gruda em Celeste e Maria Alva!

-Pode deixar, chefe! – respondia ele, sorrindo e batendo continência.

E ele era um bom gnomo. Ajudava Celeste nas tarefas do lar e aprendia muito com Aldebaran e Rigel. E ele também parecia relativamente feliz, diante das circunstâncias, afinal, ele fora rejeitado pela sua aldeia.

Contudo, um dia, toda a pequena família, com exceção de Rigel, que estava fora, foi até a praça central da vila fazer compras. Celeste estava particularmente feliz aquele dia, pois fizera uma bonita roupinha para a sua sorridente filhinha. Pararam a carroça numa das laterais da praça – que se tratava apenas de umas poucas árvores num terreno de chão batido rodeado de vendas – e Aldebaran se dirigiu a uma das vendas, enquanto Pom-Pom ajudava Celeste a descer. A praça estava cheia de pessoas, mas, logo chamou a atenção do mago a presença de cinco desconhecidos espalhados em vários cantos da praça. Nada faziam. Um deles, fumava, outro estava encostado numa árvore observando ao redor, enquanto que os outros três pareciam interessados em produtos exibidos em tendas. Aldebaran notou também que o período de tempo que eles levaram para observá-lo foi bastante maior do que o normal.

Mesmo assim, continuou caminhando para a venda, captando-os com a região periférica da visão. Desta forma, com sua percepção refinada com o conhecimento dos Doze Ensinamentos, foi o suficiente para perceber o que olhos humanos jamais capturariam: por baixo de várias camadas de roupas, eles estavam armados.

Mas, tão logo constatou isso, um deles já estava com uma cimitarra élfica a um metro do pescoço de Celeste. Ao perceber aquilo, Aldebaran imediatamente elevou seu cajado e gritou, de longe:

-Coagulatio!

Então, o caçador de recompensas ficou paralisado. O mago voltou a passos largos, atravessando a praça com os seus longos cabelos negros balançando ao vento. Nisso, dois outros estrangeiros sacaram cimitarras semelhantes de dentro da roupa e partiram em direção

de onde estava o primeiro. Celeste comprimiu Maria Alva contra o peito e Pom-Pom se agarrou às pernas da esposa do mago, de forma que os dois que avançavam tropeçaram. Assim, quando os demais já avançavam contra eles, Aldebaran já se lhes ladeava. Os dois remanescentes atacaram o mago por lados opostos. O mago elevou o cajado contra um, gritando:

-Destilatio!

O que derreteu a sua cimitarra. Mas, quando assim o fez, o outro já estava a uma distância de um passo. Então o mago girou seu pesado cajado e o acertou na cabeça, antes que pudesse descer a sua lâmina, desacordando-o. E acabou acertando da mesma forma aquele que teve a cimitarra derretida. Contudo, nesse meio tempo, os que haviam tropeçado se levantaram e atacaram o mago. Porém, como eles vieram ambos de frente, Aldebaran apontou-lhes o cajado, dizendo firmemente:

-Coagulatio!

O que os imobilizou.

Ao mesmo tempo em que isso acontecia, ouviu Celeste gritar:

-Cuidado!

Mas não podia imaginar que o primeiro caçador de recompensas que fora imobilizado antes se recuperara e elevava sua arma contra as suas costas. Aldebaran seria trucidado ali, naquele instante, se não surgisse outra voz:

-Mortificatio!

Aldebaran se virou a tempo de presenciar um arco de eletricidade atingir o bandido, carbonizando o seu corpo. Assim que o corpo se projetou para o chão, revelou a figura de Rigel por trás.

Este caminhou firmemente em direção a Aldebaran com uma cara de poucos amigos, esbravejando, sob o Capelo de Atoz:

-Diante das circunstâncias extremas, Aldebaran, não hesitei em se servir dos encantamentos negros!

Aquilo fora uma dura advertência do mestre. Aldebaran estava perturbado, com o coração pulando no peito. Celeste chorava, segurando o bebê firmemente contra si.

-Vamos sair daqui – disse o mestre, já com um tom mais ameno.

Montaram apressadamente na carroça e rumaram para o sul.

-Precisamos cruzar o rio – afirmou Rigel.

-Mas a ponte está vigiada! – exclamou Aldebaran.

-Mas enquanto ia e vinha por aí – disse o mestre, - construí uma balsa!

Assim, chegaram até o local onde Rigel escondera a balsa. Tiveram, é claro, que abandonar a carroça, sendo que Aldebaran soltou o cavalo, e foi muito limitada a quantidade de pertences pessoais que conseguiram levar. A travessia do Planoin foi silenciosa, com Celeste ainda chorando baixinho. Ela se lamentava, pois justamente agora conseguira completar o enxoval do bebê e ajeitar o lar. Então, perguntava-se quando aquele pesadelo teria fim.

Quando chegaram à margem sul, estavam em outro país, Alba Sularis, um reino que, esperavam, não estava submetido a Brenor. Ao desembarcarem e retirarem as poucas coisas que lhes sobraram, Rigel disse:

-Libera a balsa, Aldebaran.

O jovem mago olhou o mestre por alguns segundos, como se hesitasse. Então, o professor completou, com voz amena:

-Não vamos mais precisar dela.

Assim, Aldebaran a empurrou para o rio e, em silêncio, todos eles passaram a olhá-la se distanciando, rumando para o leste. Celeste se sentiu como se os seus sonhos estivessem se esvaindo, mas então o bebê resmungou e ela pensou: Não. O meu verdadeiro tesouro está aqui!

-Para onde vamos? – indagou Aldebaran.

Rigel olhou para todas as direções. Estavam num descampado, sobre um mato rasteiro, mas, logo adiante, estava uma pequena floresta.

-Vamos andar um pouco – disse o mago de Lumerae. – E acampar logo ali para passar a noite...

Aquela foi uma noite agitada. Pom-Pom fizera uma fogueira e, a despeito de terem trazido um pouco de provisões que haviam comprado antes de chegarem à praça da vila, o gnomo caçou um coelho e fez uma sopa, pois gostava de cozinhar. Mas era o único que parecia tranquilo. Aldebaran e Rigel não conseguiam dormir.

-Vamos para Machu, Rigel, procurar abrigo junto a Alniyat! – exclamou o jovem mago.

-Atravessar aquelas montanhas com uma criança? – objetou o mestre. – Eu não faria isso. E depois... Estive com ela há dois meses. Com a Ordem de Escorpião desfeita, o Vale está sendo invadido. Monorianos, Alberianos, Tesalianos e até mesmo gnomos estão indo para lá à procura de tesouros. Seria o pior lugar a escolher que quisermos ficar incógnitos! Não. Vamos fazer o que sempre fizemos: procurar um povoado, auxiliar a população na infraestrutura e na medicina e ganhar assim a vida.

Aldebaran, jovem que era, se sentia envergonhado e culpado por não poder dar um fim naquela situação, protegendo a sua família. E, com a vergonha, vinha a raiva.

Mas Celeste já o conhecia bem, adivinhando os seus sentimentos. Então disse, forçando um sorriso:

-Não tens culpa disso, meu amor. Vamos tratar de viver felizes e nossa filha crescerá bela e forte!

Aldebaran olhou bem para ela, com cara de apaixonado e com lágrimas nos olhos. Depois, ela decidiu falar de algo mais animado:

-Deve estar quase na hora de Maria Alva acordar!

De fato, a bebezinha dormia tranquilamente no colo da mãe, mas Rigel estranhou aquela fala. Contraindo as sobrancelhas, indagou:

-Hora de acordar? Ela tem hora de acordar?

-Sim, Rigel – respondeu Celeste, sorrindo. - Sempre mais ou menos a essa hora ela acorda e quer mamar!

Com um ar desconfiado, contraindo os olhos, o mestre voltou a indagar:

-Sempre a essa hora ou, a alguns meses atrás, numa hora diferente?

Celeste pensou, não sabendo aonde o mago queria chegar:

-Na verdade... tens razão, há uns meses atrás era uma hora diferente e, pensando bem... acho que ela acorda toda noite mais ou menos no mesmo horário, nas a hora exata vai mudando com os dias!

Rigel estendeu um olhar fulminante a Aldebaran, como a dizer sem emitir qualquer som: Por que não me contaste?

E, de fato, dali a quinze minutos, Maria Alva acordou repentinamente e começou a resmungar. Rigel ficou o tempo todo de olhos grudados nela. Viu que ela despertara como se tivesse levado um susto e, imediatamente, olhou novamente com aquela expressão para Aldebaran. Este olhou para o céu, como se tivesse impaciente.

Em seguida, Rigel também olhou para o céu, tirou um caderninho do bolso do roupão e um giz de cera. Anotou que constelação estava sobre a sua cabeça e passou a fazer cálculos. Quando chegou a um resultado, arregalou os olhos e quase deixou o caderninho cair no chão.

Mas ele fez isso andando ao mesmo tempo, de forma que, quando acabou estava vários metros distante. Aldebaran se aproximou. Ao senti-lo, Rigel nem se virou, perguntando:

-Por que não me disseste?

-Francamente, Rigel... não acho que, nessas circunstâncias, faça diferença.

-Não faz diferença? – gritou o mago. Como não faz diferença? É Lumeræ que está em jogo!

-O que está em jogo é a sobrevivência de minha família! – gritou o jovem, no mesmo tom.

Rigel se virou e encarou o seu aluno nos olhos:

-Por acaso já fizeste os cálculos, Aldebaran?

-Não. Não quero ter esse tipo de preocupação – confessou o novato.

-Alnilan, Aldebaran. Maria Alva é Alnilan!

-Tens certeza?

Rigel estendeu o braço na horizontal diante de Aldebaran, segurando o caderninho aberto, dizendo:

-Fiz e refiz os cálculos três vezes. O despertar abrupto de tua filha coincide com o exato momento em que Alnilan aparece no horizonte! É Alnilan, Aldebaran, em sua primeira encarnação. Exatamente como Bethelguelse previu. É Alnilan, nossa futura grã-sacerdotisa!

-Pode ter sido coincidência! Isso não prova que Maria Alva seja uma maga. A Ordem... – e Aldebaran baixou a cabeça, mirando o chão – a Ordem está morta, Rigel. Castor, Pólux, Bethelguelse... a Ordem se foi com eles!

-Morta? – repetiu o mestre, chocado e irado. – Como podes dizer uma coisa dessas?

Então o mestre apanhou o seu longo e fino cajado e o encostou contra o peito de Aldebaran, como a repreendê-lo, dizendo firmemente, enquanto o cutucava:

-A Ordem não está morta, Aldebaran. Não pode! Ainda estamos vivos, nós dois. E agora somos três! Não sei quanto a ti, mas tratarei a senhora Alnilan como a sua condição exige! Não sei quanto a ti, mas eu trabalharei para a reconstituição da Ordem, a nossa única esperança diante de Mitrax!

E saiu andando apressadamente, deixando Aldebaran cabisbaixo, a pensar sobre o mundo e sobre sua própria família.

#####

Ainda tiveram que caminhar mais de setenta quilômetros a pé para encontrar uma vila em que pudessem se assentar. Lá, num lugar chamado Setlemissah, devido ao caráter alegre de Celeste e os serviços prestimosos de Aldebaran e Rigel, logo fizeram amizade com a população. Os magos melhoraram a condição de vida do povo, pois construíram moinhos e, até, ensinaram como obter água encanada em algumas residências.

E assim o tempo passou e, em 804 EGRR, nasceu Maria Isabel. Foi uma época de alegria para o grupo. Eles já residiam novamente numa casa feita de madeira, com um certo conforto. Desde que a segunda Maria abriu os olhos pela primeira vez, Rigel manteve estreita vigilância sobre ela, especialmente à noite, e, depois que constatou que a bebê também

acordava abruptamente em momentos específicos, passou a chamá-la de Alnitaka, para desespero de Aldebaran.

Nessa época, Maria Alva ainda não havia completado dois anos. Um dia, um graveto de uns trinta centímetros de comprimento apareceu na mão dela e ninguém sabe de onde ela havia tirado. Ela segurava firmemente o graveto e ficava resmungando coisas que ninguém entendia, embora já falasse diversas palavras, balançando o objeto de um lado para o outro. E a menina não queria desgrudar daquilo, dormindo, até, com o graveto.

Mas, um dia, Celeste decidiu que aquilo tinha ido longe demais e retirou o graveto da cama da sua filha enquanto ela dormia. Mas Rigel viu aquilo e disse:

-Não podes tirar a varinha de uma maga, Celeste.

A mãe, espantada, olhou para o objeto. Ele parecia um graveto normal, sem nada de especial, mas, sabiamente, decidiu devolvê-lo ao leito da filha.

Mas aqueles eram os Anos Sombrios e, então, tiveram ainda que mudar-se mais duas vezes, devido à perseguição. E inúmeras foram as vezes que Celeste chorou contra o peito de Aldebaran, e inúmeras foram as vezes que o jovem mago chorou ao segurar as filhas. Inúmeras foram as vezes que o medo bateu à porta e inúmeras foram as vezes que a angústia e o desespero se acercaram do casal.

Mas a fibra de Rigel era inabalável e, uma vez, sob uma chuva, quando Aldebaran, revoltado, socava uma árvore, ouvindo suas filhas chorarem de fome, o mestre postou-se rigidamente diante do discípulo, com cara de poucos amigos. Bateu com o cajado firmemente sobre uma pedra, três vezes, e disse:

-Pára com isso! És um mago treinado nos Doze Ensinamentos! Capítulo onze, canto sete da Epístola de Sirius aos Jovens, repete!

Aldebaran olhou bem para ele. A água escorria em duas bicas pelas bordas arqueadas de seu chapéu. Mas aquele não era um chapéu qualquer, era o Capelo de Atoz, o símbolo de autoridade máxima de Lumeræ. Não da autoridade da Grã-Sacerdotisa, a quem os magos deviam obediência. Não, era o símbolo do Professor, algo mais profundo e vasto.

-Agora! – gritou Rigel.

Então, Aldebaran lembrou-se das palavras. No começo, recitou-as contrariado, mas, aos poucos, seu coração se apaziguou:

E também não te revoltas contra as mazelas

Que invariavelmente provêm de nossas mentes indisciplinadas,

Pois nossa vista não vai além da montanha.

Ah, se pudéssemos ver como vêm as potestades

Então as mazelas desapareceriam como meros pontos

Na imensidão da hiperestrutura dos fatos

E então veríamos o Majestoso Caminho que nos aguarda!

E, quando Aldebaran terminou aquelas palavras, mirando fixamente o horizonte, já não era mais um pai desesperado. Mas dali, naquele momento, ergueu-se um mago de Lumerae. Rigel sentiu que esse foi o momento em que o jovem mago deixou de ser um discípulo. Então, Aldebaran desapareceu na escuridão daquele início de noite e, dali a pouco, voltou com frutas, um coelho abatido e uma corsa recém parida e ferida, a qual trouxe puxando-a por uma corda improvisada, e com a qual proveu de leite as suas filhas.

#####

Nos anos seguintes, decidiram avançar para o leste até atingir o mar. Assim, em 807, quando nasceu Maria Liana, habitavam uma casa nas colinas que precediam o mar, próxima a uma aldeia situada a cerca de cinqüenta quilômetros ao norte de Porto Gaivota, a capital do Reino de Andúrias. E foi nessa região que o grupo iria passar a etapa mais difícil dos Anos Sombrios.

Tudo começou – e isso foi só o começo – quando Aldebaran e Rigel, sozinhos, retornavam da vila às colinas. Caminhavam pela estrada conversando amenidades, quando o mestre repentinamente falou:

-Acho que não seremos mais atacados. Pelo menos não tão cedo. Deve ser difícil para Charlo Fall encontrar mercenários que nos enfrentem. Todos devem ter medo de magos. Vou voltar a Brenor!

-Voltar a Brenor? – indagou Aldebaran, parando de repente, espantado. – Ficou maluco?

-Precisamos mergulhar a varinha da Senhora Alnilan no naupírius!

-Rigel, quantas vezes vou ter que dizer, Maria Alva é apenas uma menininha com quatro anos de idade que brinca com um graveto!

O mestre olhou bem para o seu discípulo, como a pensar algo que estava além da conversa. Depois confessou:

-Mas não é só por isso que vou...

-E porque então?

Rigel olhou para a estrada, apertando as pálpebras, desviando o olhar de Aldebaran:

-O reinado de Audo Morus já foi longe demais!

-Como assim? – perguntou Aldebaran, espantado. – Por acaso pretendes enfrentar todo o exército do reino sozinho?

-Mais ou menos isso... E tu irás ficar, para proteger nossas pequenas magas.

-Deves estar com febre, Rigel. Por que? Por que tens que fazer isso?

Então o mestre pareceu ficar um pouco bravo e agitado. Caminhou para um lado e para o outro, batendo o cajado no chão. Depois parou e olhou bem para o jovem pai:

-Porque, me perguntas... ora, porque... Ouviste o que disseram lá na vila. As notícias mostram que o povo em Brenor está sofrendo. Então, eu te respondo: porque, Aldebaran, é necessário – e bateu novamente com o cajado no chão – é absolutamente necessário impedir que o ganancioso chegue ao poder...

-Rigel... – ia objetar o jovem mago, mas o mestre continuou a sua fala, agora de olhos fechados, mas com voz resoluta:

...com todas as nossas forças!

Aldebaran o mirou atônito. Não sabia o que dizer.

Foi quando um grupo de homens, surgindo do nada, os cercou, portando espadas. Rigel logo percebeu, pelos seus portes e modo como seguravam as armas, que se tratava de um grupo de elite, embora não estivessem uniformizados. Mas eles não fizeram perguntas antes, trataram logo de atacá-los.

É claro que soldados, mesmo de elite, não seriam páreo para dois magos treinados nos Doze Ensinamentos, contudo, eles eram em mais de vinte e atacaram de surpresa.

No início da luta, Aldebaran usou encantamentos brancos, como coagulatio, mas Rigel não poupou os negros, fulminando e derretendo boa parte deles. Contudo, sendo muitos, aconteceu que um deles acertou o velho mago pelas costas, atravessando-lhe o pulmão direito, mas incontinenti, Aldebaran o acertou com um mortificatio, ao apontar-lhe o cajado. O jovem mago, então, ficou por alguns instantes paralisado, pois fora a primeira vez que matara um homem. Porém, não poderia ficar muito tempo naquela reflexão, pois Rigel caiu desacordado no chão e Aldebaran, tendo o coração tomado pela dor e pela cólera, gritou:

-Pela Ira do Rei, coniunctio!

O clarão que partiu da cabeça do seu cajado, em todas as direções, fez com que os corpos de seus algozes que ainda estavam vivos – cerca de dez – se fundissem uns nos outros. E, num último ato de piedade, Aldebaran ainda gritaria:

-Calcinatio!

...fazendo com que os seus corpos fossem consumidos pelas chamas.

Logo em seguida, ele correu para Rigel. Apoiou a sua cabeça e constatou que seu mestre ainda estava vivo.

-Quando tu ficas bravo – disse ele, tentando sorrir, - és fogo!

E perdeu a consciência.



Aldebaran improvisou uma faixa para estancar o sangue. Depois o carregou nas costas e levou-o até em casa. Celeste e Pom-Pom imediatamente correram para tratá-lo e, de fato, ele ficaria bom, mas a recuperação seria lenta, devido a uma infecção.

#####

Ainda permaneceram naquele lugar alguns dias, até que o mestre mago se fortalecesse. Mas, duas semanas depois, rumavam para sudoeste, evitando a capital de Andúrias. E numa noite, quando já haviam acampado, algo que deve ser contado aconteceu. O céu estava bastante estrelado e sem nuvens. Rigel foi colocado perto do fogo, numa espécie de cama que também servia de maca. A febre tinha dado uma trégua e o velho mago conversava alegremente com Celeste, enquanto Aldebaran vigorosamente terminava de preparar o acampamento. Maria Liana mamava no peito.

-E quando vades ter mais um? – indagou o mago desavergonhadamente.

Celeste expôs um largo sorriso.

-Mais um? Acabamos de ter Maria Liana!

-Sim, mas quem sabe não vem um menino agora!

-Agora? – riu Celeste. – Não. Não vamos ter mais. Já decidimos! – Então, ela ficou séria, de repente. – Rigel... achas que fomos irresponsáveis?

-Irresponsáveis? Como assim?

-Ora... colocando tantas crianças nesse mundo... nessas condições.

-Crianças maravilhosas, eu diria – disse Rigel, da maneira mais doce que podia, sob tanta dor no ferimento. – Sabes, Celeste, toda criança é uma bênção, e sabes porque?

-Por que, Rigel? – indagou ela já sorrindo de novo, docemente.

Então o mestre mirou bem a sua interlocutora e respondeu baixinho:

-Porque nunca se sabe, Celeste, se não será aquela criança que veio que fará a diferença no futuro!

Celeste ficou refletindo sobre aquelas palavras, com um sorriso no rosto. Mas, animado, Rigel continuou, fazendo um gesto com a mão:

-Portanto, deixai que venham!

Aquilo provocou uma risada na mãe e a fez colocar a mão esquerda sobre o rosto.

-E, então – provocou ainda o mago, - quando tereis o próximo?

-Rigel! – admoestou Celeste, ainda rindo.

-Ora, cada vez que dás a luz, um mago novo aparece no mundo! Vamos enchê-lo de magos!

Aquilo fez Celeste gargalhar.

-Pára, Rigel!

Nesse momento, Aldebaran se aproximou do grupo. Olhou bem para as filhas mais velhas. Maria Alva, já com quatro anos, estava debruçada sobre o mato rasteiro, cavocando a terra com a sua inseparável varinha. Estava ao lado de Maria Isabel, que estava deitada sobre um monte de folhas secas, com os olhinhos quase fechando de sono. Foi quando Aldebaran presenciou um fato extraordinário.

Perto das duas meninas, viu que algo se mexia. Algo no chão. A brisa suave que soprava naquele momento não poderia explicar como aquele graveto vinha pulando e parando, pulando e parando, na direção das meninas. Então, algo ocorreu ao mago. Uma intuição, talvez. O cajado de Rigel repousava próximo, encostado numa árvore, e o mestre estava distraído, conversando com Celeste.

Aldebaran pensou por apenas alguns segundos. Teria que ser rápido.

Então, tomou a decisão e tocou o Cajado do Suspiro.

Ele nunca havia feito aquilo. Nunca tocara o cajado de Rigel e a sensação que teve foi arrebatadora.

Ao mesmo tempo, ao avistarem o graveto, as meninas riram.

Aldebaran foi tomado pela intensidade das sensações. As cores ficaram muito mais vivas. A tênue luz da noite pareceu ficar inexplicavelmente brilhante. Um universo de sons, sussurros, cantos e coros preencheu completamente o ar. Sensações intensas percorreram-lhe o corpo, fazendo-o sentir vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Viu pássaros translúcidos, sentados sobre as árvores. Viu nuvens de cristal e, em torno de si, unicórnios, sacis, fadas e silfos.

E, de fato, era um casal de elfos eures, uma fada e um silfo, quem empurrava aquele graveto. E as meninas pareciam vê-los, pois olhavam em direção a eles e riam de suas estripulias. Aparentemente discutiam um com o outro, com vozes finas e rápidas, impossíveis de serem compreendidas (embora Aldebaran sabia que Rigel podia falar com eles, pois já se acostumara ao cajado). Aparentemente, o silfo queria levar o graveto de uma forma e a fadinha de outra, então discutiam. Paravam, discutiam, depois apanhavam novamente o graveto, tentando arrastá-lo em direções diferentes, paravam novamente, jogavam pó brilhante um em cima do outro, voltavam a discutir e, depois, voltavam a tentar deslocar o objeto. Isso arrancava gargalhadas das meninas. Contudo, aos poucos, conseguiram aproximar o graveto de Maria Liana, até que essa o apanhasse. Então, ficaram satisfeitos, sorrindo com os punhos fechados descansando na cintura.

Mas, nesse momento, Aldebaran sentiu que estava para desmaiar. Então, soltou o cajado e voltou às trevas humanas, antes que despencasse no chão. E, quando assim o fez, teve a sensação de ouvir suspiros, vindos de todas as direções.

Então, ficou pensativo: "Rigel tem razão. Precisamos levar as varinhas a Lumerael!".

E a conversa entre Rigel e Celeste prosseguia. O riso da moça se converteu em aflição quando ela indagou:

-Achas que sobreviveremos, Rigel? Achas que poderemos proteger nossas filhas?

-É claro! – exclamou ele, animado. – O bem sempre triunfa sobre o mal!

-Mas... a que preço? E quanto tempo isso leva?

-A um baixo preço e por um tempo curto, para aqueles que têm o poder da retidão no coração!

-Poder? Ora, tu e Aldebaran podem ser poderosos, mas eu...

-És uma donna, Celeste.

-Uma donna, eu? Não, Rigel. Não sou uma poderosa feiticeira como as donnas. Sou apenas uma mulher como outra qualquer...

-Toda mãe é uma donna - disse enfaticamente o mago.

-Toda mãe? Tens certeza? – duvidou a moça.

-Bem... toda mãe que ama os seus filhos!

Celeste ficou quieta, pouco convencida e pessimista com relação ao futuro. Então Rigel observou o estado de aflição que Celeste vivia. Assim, decidiu contar-lhe uma história.

-Sabes, Celeste... – disse ele. – Deixa-me contar uma história, uma história de mil anos atrás.

Celeste, acariciando a cabeça da filhinha que quase já dormia com a boca ainda no bico do peito, prestou atenção.

-Sabes – continuou Rigel, - toda vez que um ganancioso ou corrupto toma o poder e realiza qualquer ato para preservar ou ampliar esse poder, por menor que seja, faz com que uma mãe sofra. Essa é uma das relações mais diretas e inexoráveis da vida. Todo aquele que ambiciona o poder simplesmente pela promoção pessoal deveria saber disso. O que quer que uma pessoa dessas faça, acabará, mais cedo ou tarde, provocando a dor de uma mãe, pois, ou fará que sua criança sofra, se o ato não for muito intenso, ou resultará na morte de um tenro filhinho, se o ato for maior. Isso para cada ato. E se forem muitos...

Rigel, então, observou que o peito de Celeste arfava e viu o medo nos seus olhos. Mas continuou:

-Porém, há uma coisa que as mães podem fazer para se defender dos tacões dos corruptos: quando a rainha Irvine perdeu o seu filho, ela prometeu a si mesma que tomaria providência para que nenhuma mãe no futuro passasse pelo que ela passou.

-O que ela fez? – indagou a moça, interessada.

-Ela conjurou uma magia – respondeu Rigel, olhando fixamente a sua interlocutora. -  
Uma magia élfica poderosa. Ela conjurou as mães élficas - tantas e tantas - que perderam os  
filhos na destruição da grande floresta de Athlanda. Ela concentrou toda a sua dor e a dor de  
todas as elfas que perderam os filhos no passado numa palavra mágica e contaminou todas as  
árvores e vegetais deste planeta, de forma que essa palavra pudesse ser proferida, em  
qualquer lugar, por qualquer mãe que segure o seu filho nos braços e esteja quase sem  
esperanças diante de uma terrível expectativa de futuro, diante da infalibilidade de uma  
tragédia iminente!

-E qual é essa palavra? – indagou Celeste seriamente.

-Nargorum-thar!



Celeste e Maria Alva (Anilan) ao final dos Anos Sombrios

#####

Nos quatro cantos das alvas muralhas de Marmórea tremulavam, ao lado dos estandartes alviazuis de Brenor, as bandeiras rubronegras dos Morus, onde, ao centro, estava estampada a rocha que servia de base a Ismar, a capital de Aldária.

Eunio Morus e Charlo Fall discutiam numa das salas do castelo.

-Os relatórios chegaram – disse Charlo Fall, - com o senso de Barratas. Cerca de um terço da população simplesmente desapareceu.

-Desapareceu? – disse o autoproclamado rei, com um misto de surpresa e medo. – Como? Como não descobrimos isso antes?

Um serviçal do reino, de alto posto, um civil, disse nesse momento:

-Mas, senhor, designaste todos os sensores para o serviço militar!

O rei desferiu um olhar mortal para o serviçal, como a ameaçar-lhe de morte. Esse se calou, baixando a cabeça.

-E tem mais – continuou Fall, com cara de poucos amigos, – estão chegando relatos de desaparecimento de pessoas em outros reinos: Goliah, Belária e até Aldária. E mais de duzentos lanceiros deserdaram e desapareceram.

-Fétrea... – balbuciou o rei, pensativo, com ambas as mãos apoiadas sobre uma mesa, olhando para a sua superfície.

-Senhor? – indagou Fall.

E rei se virou e disse, irado:

-Fétrea! Estão se escondendo em Fétrea! Aposto que Ankita está lá!

Então, Charlo Fall também compreendeu: Bronuald Ankita, de alguma forma, tinha conseguido chegar até a antiga cidade gnômica, situada nos subterrâneos de Barratas, que havia sido abandonada depois que o cristal laranja enfraqueceu e as minas se esgotaram. O herdeiro de Anahar deveria estar juntando um exército.

-Quero que as fronteiras de Barratas sejam fechadas. Juntai o maior contingente possível. Vamos invadir Fétrea!

Charlo Fall fez um sutil gesto de submissão com a cabeça e já ia saindo para cumprir as ordens do rei, mas este ainda não havia terminado:

-E prenei o rei de Barratas, sob a acusação de traição!

-Sim, majestade – disse o irmão.

Porém, Charlo Fall ainda não pôde sair, pois um lanceiro brenoriano adentrou o recinto e, esbaforido, disse:

-Majestade, há dois magos às portas do salão de audiência, exigindo ver-vos!

Os irmãos se olharam.

-Rigel e Aldebaran – disse Fall, com os dentes cerrados, – como se atrevem!

-Como conseguiram passar pelos guardas? – indagou o rei, preocupado.

-Simplesmente passaram pelo portão, calmamente, matando ou paralisando quem se lhes interpunha o caminho! – relatou o lanceiro, tremendo.

-Quero minha guarda pessoal inteira naquele salão! – ordenou o rei. Imediatamente, o lanceiro saiu.

Os irmãos Morus rumaram incontinenti para o salão de audiência. O rei sentou-se no trono de madeira, com Fall em pé ao seu lado direito. Sessenta lanceiros brenorianos e trinta besteiros se perfilaram, formando um corredor polonês entre o trono e a porta principal do salão. Então, o rei acenou, permitindo a entrada dos magos. Mas não foi nem Rigel nem Aldebaran quem passou por aquela porta, para surpresa dos irmãos Morus, e sim um jovem belo e esguio, com cabelos negros ligeiramente compridos, portando uma túnica negra e grossa, uma túnica elegante, repleta de riscos sinuosos de ouro, segurando algo entre uma varinha e um cajado. Dir-se-ia uma longa varinha retorcida e fina, flexível, com um metro e sessenta e cinco centímetros de comprimento: era a Vara do Despertar.

Elegantemente, o jovem mago ultrapassou o espaço que o separava do rei, caminhando sem medo por entre os soldados. Todas as bestas estavam carregadas e ele estava sob mira. Quando ele parou a dois metros do trono, inclinando-se em sinal de respeito, Eunio Morus perguntou:

-E quem és tu?

-Saiph, Mago de Lumerae...

Um silêncio se estabeleceu no recinto e o mago segurou a língua, embora não tivesse terminado a frase: queria ver a reação do rei.

-Neste reino, os magos de Lumerae estão condenados à morte – declarou Eunio Morus.

Então, Saiph terminou a frase:

-...a mando de Mitrax!

Outro período de silêncio, que pareceu interminável. Mas o silêncio foi quebrado por uma gargalhada. Uma gargalhada proveniente de Fall:

-Ora! Outro desertor!

Saiph fitou-o gelidamente, provocando o congelamento da sua alma. Imediatamente, o riso desapareceu, dando lugar ao medo. Então, o mago disse pausada e friamente:

-Cuidado com o que falas. Podes ficar sem a língua. A ignorância de teu ser não pode permitir que compreendas as forças que atuam aqui.

-Minha guarda relatou dois magos. Onde está o segundo? – indagou o rei.

Saiph olhou para o rei e sorriu:

-Bem à vossa porta!

Assim, o rei olhou para adiante. E seu coração disparou, quase saindo pela boca, quando viu aquela figura parada ameaçadoramente na soleira da porta. Uma figura de negro, com um capuz sobre a cabeça, escondendo completamente o rosto, parecendo a própria morte.

Então, ela se aproximou. Não se poderia dizer que andou. Mais parecia deslizar, arrastando a barra da túnica no chão. Segurava um robusto cajado negro, no formato de uma serpente retorcida e, numa fenda na cabeça da serpente, estava fixada uma longa lâmina de metal reluzente, no formato de uma foice.

Os soldados tremeram e muitos deles balbuciaram: “Meissa”, “Meissa”, “Meissa!”.

E Meissa continuou a avançar na direção do rei, lentamente. E este sentiu como se a sua alma o abandonasse, perdendo a vontade de viver.

Saiph colocou um dos joelhos no chão e baixou a cabeça, declarando em alto e bom tom:

-Vossa santidade!

Um dos besteiros, bastante jovem, tremendo muito, sem querer apertou o gatilho. A flecha se fincou no peito da maga. Esta nem se abalou. Sem deixar de deslizar à frente, virou a cabeça na direção do besteiro, expondo a negritude que escondia o seu rosto. Então, a vida do rapaz se esvaiu. Ele ficou completamente pálido e o brilho de seus olhos se apagou. Depois, caiu duro no chão.

Como por um reflexo, um lanceiro, às costas da maga, levou a mão ao cabo da espada, desembainhando-a. O som fez com que Meissa parasse, sem virar o rosto. Então, o lanceiro sentiu uma força apoderando-se de seu corpo. Viu, apavorado, sua própria mão avançar, sem que a pudesse controlar, encostando a espada contra o seu pescoço. E a lâmina avançou pressionando lentamente a pele, e depois as carnes, rasgando o seu pescoço lentamente.

Porém, Meissa pressentiu o futuro daquele homem e deteve a espada. O comando do braço voltou-lhe e ele afastou imediatamente a lâmina, pressionando a mão esquerda contra o pescoço, agachando-se no chão.

Agora, Meissa estava ao lado de Saiph, a dois metros do rei.

-O que querem? – indagou o rei, tentando manter a autoridade da voz, embora suas mãos tremessem sobre os braços do trono. Ele sabia quem era aquela: era a mais poderosa maga de Lumerae que, no passado, cedera ao mal e tivera a alma degenerada.

Meissa nada disse, simplesmente ficando na mesma posição, segurando o cajado com a mão direita. E as mãos eram as únicas partes visíveis do seu corpo. Mãos cadavéricas, sem carne ou gordura, apenas uma pele negra, envelhecida, que cobria o esqueleto. E, no lugar de unhas, garras.

Foi Saiph quem falou, cinicamente:

-Viemos oferecer nossos préstimos!

Obviamente, o rei não entendeu. Então Saiph explicou:

-Não tendes competência suficiente para dar cabo de Aldebaran e Rigel, não é mesmo? – caçou o mago. – Então, viemos para vos trazer a cabeça dos dois!

Novamente o silêncio. Charlo Fall novamente o quebrou:

-E o que quereis em troca?

Mas, agora, quem respondeu foi Meissa. Uma voz sussurrante e gelada:

-Há três crianças com eles. Quero-as!

-E o que temos com isso? Ide lá e as pegai!

-Mas queremos Lumerae também – explicou Saiph, olhando atentamente para o rei. – É aí que vós entráis. O rei Morus pode ter toda a Brenor para si, mas Lumerae pertencerá a Mitrax!

O rei procurou pensar rápido. Teria um reduto de Mitrax em seu quintal e, assim, ficaria com uma espada balançando sobre sua própria cabeça. Mas não tinha escolha: como poderia enfrentar Meissa?

Então, procurou se acalmar o tentou olhar para a maga que, silenciosamente, esperava.

-Está bem. Tendes a palavra do rei: trouxe-me as cabeças de Rigel e Aldebaran e todo o Ducado de Lumerae será vosso!

#####

Cerca de um mês após esse episódio, Celeste estava com as meninas e Pom-Pom à beira de um riacho, lavando roupas. Aldebaran havia ficado no acampamento, a algumas centenas de metros, cuidando de Rigel. Há uma semana que não tinha febre, mas estava ainda muito debilitando. Então, passava a maior parte do tempo dormindo.

As meninas brincavam. Aliás, se sujavam. Maria Alva e Maria Isabel jogavam lama uma na outra, se sujando completamente, enquanto a bebê resmungava no berço, colocado sob uma figueira. Celeste suspirou. Estava tendo um trabalhão para lavar as roupas. Mas pensou na felicidade delas, assim alegrou-se. E depois Pom-Pom, prestativo como sempre, a estava ajudando.



Aldebaran virou-se para Rigel e disse:

-Vou buscar lenha seca. Não vai fazer estripulias!

Rigel sorriu o mais que pôde. Queria levantar e rumar para o norte, mas as forças de seu corpo o haviam abandonado.

-Quem? Eu? – resmungou.

Então, Aldebaran se afastou. E não se passou muito tempo até uma sombra se lhe acercar.

-Mestre? – uma voz sussurrou, quase tão fraca que não podia ser ouvida.

Rigel abriu os olhos e viu, diante de si, uma imagem que jamais esperava encontrar tão cedo: Saiph, agachado diante de si, apoiado na Vara do Despertar, sorrindo de maneira mais sarcástica do que o velho mestre desejaria.

-Saiph? – indagou, comprimindo os olhos para ter certeza se não estava sonhando.

-É assim que recebes um querido discípulo, depois de tantos anos, com espanto? – disse o servo de Mitrax.

-Não és mais meu discípulo, Saiph. Abandonaste a Ordem! – Rigel disse isso da maneira mais dura e seca que podia.

-Não me arrependo... – declarou o jovem. – Ah, Rigel, se soubesses... se soubesses o que aprendi! Os ensinamentos de Mitrax estão muito além dos Doze de Sirius!

O velho mestre olhou o ex-discípulo duramente e, ao mesmo tempo, com desdém.

-Não sabes de nada, Saiph. As palavras de Mitrax são vazias. São como folhas secas que se esvaem no vento.

-Mitrax nos chama para a felicidade, Rigel. Por que sofrer, se podemos ter o paraíso bem aqui – e mostrou as mãos, - em nossas próprias mãos!

Rigel olhou bem para Saiph. Seu rosto parecia iluminado e, por alguns instantes, ele imaginou que o ex-discípulo poderia estar sendo sincero.

-A felicidade não é um bem pessoal, Saiph. Não é uma coisa que se pode tomar, pegar com a mão. Aquilo que se toma para si, pode faltar para outrem!

E, agora, viu um leve toque de raiva no rosto do mago mitraxiano, e ele sabia que Saiph jamais gostou de ser contrariado.

-Já vi que jamais irei te convencer! – exclamou.

-Deixa-o em paz, Saiph!

A voz tinha vindo de suas costas. Lentamente Saiph se levantou e se virou. Conhecia aquela voz. Era Aldebaran, aquele pelo qual fora preterido.

-Ah, o queridinho de Rigel! – disse, maliciosamente.

-Vai, embora, Saiph, não te queremos aqui! – exclamou Aldebaran, de forma menos dura que desejava.

Então, Saiph estendeu a mão esquerda expondo a palma:

-Vem comigo, Aldebaran. Junta-te a nós. Podemos construir um paraíso sobre essa terra que pisamos, o Éden!

Aldebaran franziu as sobrancelhas:

-Não aprendeste nada, Saiph. O velho discurso de Mitrax. O discurso da felicidade fácil.

-Não entendes que Lumerae prega o sofrimento da humanidade?

-O preço do Éden mitraxiano é muito alto, Saiph. A condição é a ignorância!

Rigel sorriu ao ouvir isso, pois viu que Aldebaran tinha, de fato, entendido as lições de Sirius. Mas Saiph mostrou a palma da mão, exibindo a marca da crucificação, e retrucou:

-Aqui está a prova do martírio apregoado por Lumerae!

Nisso, o jovem pai percebeu que Saiph segurou a sua vara de forma mais rígida.

-Não podes me enfrentar, Saiph – disse Aldebaran. – Não terminaste os Doze Ensinamentos. Não tens conhecimento suficiente para me vencer numa peleja.

-Ah, Aldebaran, se soubesses – disse o servo de Mitrax, fingindo pesar, - se soubesses os truques que aprendi...

E, então, gritou repentinamente, erguendo a vara:

-Destilatio!

Mas o Cajado da Ira absorveu o encantamento. Aldebaran sentiu os braços tremerem e o cajado se aquecer, enquanto sustinha a defesa. Então, com um esforço tremendo, rangendo os dentes, conseguiu levar o cajado à frente e repelir o ataque.

-Muito bom! – disse Saiph ironicamente. Então, caminhando lentamente em direção ao rival, continuou: - Quem precisa do Décimo Segundo Ensinamento?

Mas ele viu que Aldebaran já estava se recuperando e não esperaria ser atacado. Assim, bateu com a sua varinha numa pedra e ela adquiriu uma complexa vibração. Em seguida, olhou bem para Aldebaran e gritou:

-Calcinatio!

E uma enorme labareda foi jorrada a partir da Vara do Despertar. É claro que Aldebaran aprendera a repelir aquele encantamento. Então, fez o que os manuais recomendam. Girou o cajado como uma hélice, executando meia volta, para contrapor o vento

contra o fogo. Mas havia algo que não aprendera naquele ataque: a vibração. Então o fogo interagiu com o cajado com uma explosão, o que arremessou Aldebaran para trás, voando três metros e vindo a se chocar violentamente com as costas no chão.

O cajado caiu longe e, enquanto Aldebaran tentava resgatá-lo telecineticamente, Saiph se aproximou lentamente. Parou a um passo dele e disse ardidamente:

-Estou em dúvida... deverei te poupar?

Então, Saiph sorriu e Rigel viu o que ele iria fazer. Vislumbrou o encantamento fatal que usaria contra Aldebaran, somente pela forma com que segurava a vara: Putrefatio.

Mas Rigel já estava com o Cajado do Suspiro na mão e, é claro, seu conhecimento era muito superior ao do ex-discípulo. Mas não poderia acertá-lo pelas costas. Então, simplesmente chamou-o:

-Saiph!

E o jovem mago vestido de negro virou-se para olhá-lo e percebeu que o mestre o encarava serenamente, sem demonstrar medo ou desespero. E, é claro, aquilo o aterrorizou. Então, Rigel simplesmente disse, calmo e resoluto, apontando-lhe o cajado:

-Entropio!

Mas Saiph não conhecia aquele encantamento e, é claro, não tinha defesa para ele. Mal sabia ele que a única defesa para Entropio é a mudança do seu próprio ser, da sua própria essência. Então, sentiu um formigamento lhe tomar. As gorduras do seu corpo evaporaram e, depois, as carnes murcharam. A maioria dos seus longos e lisos cabelos caíram e os que lhe restaram, em volta da careca, se encrespavam e adquiriram coloração grisalha. Vários dentes apodreceram, alguns caíram. As pálpebras em torno dos olhos se avolumaram e as forças lhe abandonaram, o que o fez cair para frente, com o rosto na lama, inconsciente.

Com certo esforço, Aldebaran se levantou e correu para Rigel. Agachou-se perante ele, quando ambos disseram ao mesmo tempo:

-Estás bem?

Então sorriram e se silenciaram, refletindo.

-Que encantamento era aquele, Rigel?

Olhando para o nada, agora, o velho mestre explicou, vagarosamente:

-Sabes, Aldebaran... as vezes, a melhor forma de combater os opressores é nada fazer, mas apressar o curso natural do tempo, pois o corrupto cava sua própria sepultura, e corrompe irremediavelmente a sua alma!

Aldebaran passou a refletir sobre aquelas palavras, mas não pode permanecer nesse estado por muito tempo, pois Rigel se lembrou de algo:

-Aldebaran – disse, - é conhecido que Saiph, desde que nos deixou, não anda sozinho. Tem sido instruído por Meissa!

-Celeste! – lembrou-se o jovem mago. E saiu correndo em direção ao riacho.

Quinze minutos antes, quanto Celeste havia terminado o serviço e carregado o cesto de roupas, quando ergueu a cabeça, deparou-se com uma figura aterradora, parada ameaçadoramente a vinte metros de distância. Deu um grito, colocando ambas as mãos sobre a boca, deixando o cesto cair.

As crianças também se assustaram e gritaram. Pom-Pom correu e pegou o bebê e depois se acercou das outras meninas, abraçando-as como pôde.

-O que queres? – indagou Celeste, lutando contra o medo. – Não tenho nada pra te dar!

Meissa achou divertido ser confundida com uma mendiga, embora o capuz não tivesse revelado aquilo que se aproximaria de um sorriso. Então, a maga disse o absurdo:

-Vim apenas levar as tuas filhas!

Então ela ficou observando atentamente a dor estampada na face da mãe, uma dor que compreendia muito bem.

-Pom-Pom – disse Celeste, virando-se para o gnomo, – leva as meninas embora!

Meissa sentiu o campo de distorção probabilístico partindo do gnomo. Mas julgou que ele não seria forte o suficiente para atrapalhá-la.

E, por um momento, Celeste olhou bem para as meninas, como se pressentisse algo. A bebezinha, Maria Liana, chorava no colo do gnomo. Maria Isabel se agarrava em uma de suas pernas, com os olhos cheios de lágrimas e Maria Alva soluçava, num misto de medo e raiva, segurando firmemente a sua varinha. E aqueles segundos em que Celeste mirou as filhas pareceu uma eternidade. Foi como se passassem diversos anos e aquela imagem lhe ficou como um quadro a óleo, gravado no seu coração pela eternidade, pois essa seria a última vez que veria as filhas.

Mas não podia ficar naquela posição para sempre. Nunca havia ouvido falar em Meissa, mas seus instintos maternos lhe diziam que, diante de si, estava uma poderosa feiticeira.

Contudo, quando se virou novamente, levou um susto que fez com que o seu coração quase saltasse pela boca, fazendo a sua circulação sanguínea praticamente parar. Sem barulho algum, sem sentir que andara sobre tantos galhos farfalhantes que estavam espalhados pelo chão, Meissa, de repente, estava com aquele capuz negro bem diante de sua face.

Sem controle sobre si mesma, Celeste soltou um suspiro de agonia, que esperava as filhas não tivessem ouvido. Mas, com a mão esquerda, Meissa agarrou as suas roupas pelo peito e a levantou como se fosse uma pena. Caminhou alguns passos levando-a, até que comprimiu suas costas contra uma enorme figueira que vivia ali há quase um século. E este seria um erro fatal para Meissa.

Celeste fechou os olhos e comprimiu o rosto, devido ao pavor. Não queria olhar a feiticeira na face. Temia que, por baixo daquele capuz, houvesse o horror.

-Abre os olhos! – ordenou a maga, sussurrando imperiosamente.

Celeste não abriu os olhos por si, mas uma inelutável força se apoderou de suas pálpebras. Então, sentiu a luz lhe agredir.

Entretanto, não viu o rosto da feiticeira, pois o capuz lhe projetava profundas sombras.

Mas Meissa queria ver a dor e o sofrimento nos olhos daquela mãe, algo que a fascinava, algo que ela ansiava por entender.

-O que se torna uma mãe quando um filho lhe é tirado? – indagou a maga, aterrorizando ainda mais Celeste, sentindo aquele hálito quente dos infernos lhe invadir as narinas.

-Por favor – implorou Celeste, - vai embora!

Contudo, nesse momento, o ódio de Maria Alva suplantou o medo. Então, a menina se desvencilhou do gnomo, que tentava empurrá-la para longe, e saiu correndo em direção a Meissa. Incontinenti, a pequenina, a futura poderosa Senhora Alnilan, a Grã-Sacerdotisa de Lumerae, aproximou-se da maga e espetou-lhe uma das pernas, por cima do manto negro, gritando:

-Mulher malvada!

Celeste, nesse momento, sentiu que a maga estremecera. A varinha da menina ainda não fora mergulhada no fogo azul do sarcófago da grande pirâmide de Lumerae, mas, talvez ele tivesse já algum poder. Assim, Meissa se virou para olhar Maria Alva, mas Celeste não podia permitir que a feiticeira se ocupasse com a sua querida filha, então, chamou-lhe a atenção:

-Olha para mim, maga das trevas!

Imediatamente, Meissa voltou a encará-la:

-Que foi? – indagou com aquela voz lúgubre. – Estás a me desafiar?

Celeste nada disse, mas procurou manter o duro olhar, jogando o medo o mais longe possível.

-Não sabes – continuou a maga – que é mortal olhar para mim dessa forma?

E assim, enquanto Maria Alva cutucava as pernas de Meissa com a varinha, gritando: -Malvada! Malvada! Malvada!, a maga mitraxiana comprimiu ambas as mãos cadavéricas contra o rosto de Celeste, de tal forma que esta podia, além da escuridão daquele capuz, sentir as cavidades que Meissa tinha no lugar dos olhos. Sentiu o ódio que havia ali, e a sua própria face estampada em dezenas de globos negros que forravam a parte interna daquelas cavidades. E jamais soube se aquilo fora a última coisa que vira na vida, pois era uma coisa que não se vê com os olhos, e sim com o coração.

Mas Celeste, sentindo-se no fio da navalha entre a vida e a morte, lembrou-se de Rigel. Então, enchendo o peito de ar o mais que podia, gritou a plenos pulmões:

-Nargorum-thar!

Então aconteceu algo extraordinário. Meissa hesitou, afrouxando o seu rosto e Celeste adivinhou que ela contraiu os músculos que lhe sobraram em volta das cavidades dos olhos, pois suas inúmeras chagas feitas por picadas de kiches se abriram por debaixo da roupa negra, sendo que longas raízes da figueira saíram do chão, procurando as cegas pela maga. Então, as raízes entrelaçaram-se no seu corpo, atravessando as chagas e passando-lhe por dentro do corpo. Então, uma raiz lhe saiu de dentro da boca e duas das cavidades dos olhos e foram saindo, saindo, cada vez mais grossas, até elevarem a feiticeira no alto, de forma que, quando pararam, era possível se ver a maga elevada no alto, varada por inúmeras raízes.

Foi nesse momento que apareceu Aldebaran. Encontrou Celeste de quatro no chão, ao lado do tronco da figueira, com Maria Alva abraçada a ela, chorando. Aldebaran se abraçou também a elas. Ficou uns instantes assim, depois colocou as mãos sob as axilas da moça e a levantou. Ela passou ambas as mãos pelo seu rosto, acariciando-o, dizendo:

-Meu amor!

Mas, quando Aldebaran lhe perguntou se estava bem, ela, olhando para o nada, sorrindo, mas, ao mesmo tempo, estampando em sua fisionomia o medo, a angústia, a dúvida e a esperança, respondeu:

-Eu... eu estou cega!

#####

E, de fato, Celeste jamais enxergou novamente.

Eles se moveram mais para sudoeste, vindo a se estabelecer perto da fronteira norte de Alrhea. Mas nunca mais tiveram que ir além disso, pois, logo, vieram boas notícias.

Aldo Morus havia invadido Fétrea com grande exército. Contudo, o contingente de Ankita fora ajudado por Gdaminium, o irmão do grande rei gnomo Gdalamax, desaparecido há vários anos. Gdaminium conduziu o grupo pelos intrincados labirintos dos subterrâneos de Barratas, que eram ladeados por abismos sem fim e infestados de um sem número de criaturas funestas. Assim, o exército de Morus foi dizimado por essas condições, mesmo sem entrar em combate. Uma parte despencou dos despenhadeiros subterrâneos, outra parte foi

soterrada por desmoronamentos e, outra ainda, foi devorada por blendelises, magnoluvarti e trolls esmeraldas.

Mas Morus escapou, refugiando-se em Marmórea. Contudo, num contra-ataque, Ankita cercou e tomou a capital e, nessa ocasião, o auto-proclamado rei foi assassinado pelo próprio irmão, Charlo Fall, que viu ali uma oportunidade ideal de se ver livre de Aldo Morus e colocar a coroa em sua própria cabeça. Mas Fall fugiu para Aldária e ali juntou outro grande exército.

Entretanto, não foi somente com os gnomos que Ankita firmou um pacto. Assim, uma longa coluna de cem mil elfos arqueiros, lanceiros e cimitarrinos, portando brilhantes elmos torneados – fazendo lembrar os velhos tempos da aliança contra as salamandras – atacou Ismar pelo seu lado oeste, enquanto as forças de Barratas, Marmórea e Goliah a cercaram pelo leste. E triste foi o fim de Charlo Fall, pois, vendo-se perdido, tendo os frutos da ambição lhe escorrido por entre os dedos, enforcou-se antes que o novo rei o encontrasse.

E, enquanto os fatos assim se desdobravam no norte, Celeste não esmoreceu por não poder mais ver a face dos seus entes queridos. Com ânimo, tratou de se adaptar à sua condição, desenvolvendo esquemas para trabalhar. Assim, ajeitou novamente a sua própria casa. Costurava, cozinhava e lavava com alegria. Tanto que passou a cantar e se tornou famosa por isso, pois descobriu que tinha grande voz. E, quando eles se mudaram para a cidadela de Lumerae, dez anos depois, ali cantou as mais belas canções. Tanto que, muito após a sua morte, dizem que, até hoje, sua voz ainda pode ser ouvida, nos dias de vento, quando a neve do Lumerae cai sobre a Vila do Pé do Monte.

Mas, mesmo durante a época em que ainda estavam no sul, Celeste, várias vezes por dia, acompanhou o crescimento das filhas, passando-lhes os dedos e a palma da mão pelas suas faces e desenvolveu a habilidade de perceber as suas fisionomias. Ainda, todos os dias, se reunia com as filhas sobre sua ampla cama. As três lhes contavam os seus sonhos e angústias e a mãe lhes dava conselhos, contava histórias e cantava para elas. E elas ficavam lá assim, durante horas e horas e horas.

Mas aquelas meninas não eram feitas para ficar trancadas dentro de casa. Assim, principalmente durante a adolescência, deram muito trabalho para o pai, porque eram muito danadas. E foram inúmeras as vezes que Aldebaran lhes aplicou umas boas palmadas nas bundinhas. Celeste simplesmente ria, divertindo-se com a situação e, quando questionada, dizia ao pai, rindo:

-Ora, tu que deves cuidar delas! Sou cega, lembra?

Mas Aldebaran não seria capaz de imaginar nem metade das aventuras e encrencas que aquelas meninas se meteram, sempre auxiliadas e protegidas por Pom-Pom. Mas isso é uma outra história...

Contudo, o tempo foi passando e a natureza foi seguindo o seu curso. Pom-Pom veio a falecer com cinquenta e nove anos, uma idade normal para o fim da velhice de um gnomo e Celeste, quando contava com oitenta e sete.

E, é claro, Aldebaran e as meninas, sendo magos, não envelheceram tanto. Assim, nos últimos anos de Celeste, Aldebaran parecia o seu filho. A despeito disso, o mago a amou até o fim dos seus dias, permanecendo-lhe fiel. E, em seu leito de morte, na ala oeste do palácio da Cidadela de Lumerae, Celeste sorriu, passando uma das mãos pelo rosto do marido e disse para as filhas:

-Não chorei por mim. Estou feliz! Que mulher pode dizer que teve uma vida tão alegre e recompensadora quanto a minha?

E, quando sua alma deixou o seu corpo, dizem, um vento soprou, levando ao longe alguns fios de seus cabelos.

#####

Mas, o tempo passou ainda mais e, conforme nos mostra a história, soberanos justos podem dar lugar a tiranos intolerantes. Assim foi que, no reinado de Hgar, com Aldebaran já no cargo de Primeiro Ministro de Brenor, aquelas meninas, agora moças formosas, com os cabelos já brancos pelo tempo, mais ainda lindos e viçosos, desempenharam um papel fundamental na proteção dos fracos e oprimidos.

1011 EGRR. Alguma vila esquecida ao sul das Montanhas da Lua.

Um grupo com cerca de vinte soldados de elite do Pelotão Ideológico de Hgar aproximava-se de várias casas e batia violentamente ou arrombava as portas. Era apenas um pequeno conjunto de casebres junto à estrada. Logo, aqueles homens brutos, altos e fortes, usando placas de peito reluzentes com a insígnia em alto relevo do rei – uma pitonisa imperial, vinham arrastando diversos homens e mulheres para a estrada. Um deles, particularmente fornido, arrastava um idoso pelos cabelos, a despeito dos gritos deste.

Logo, uma pequena multidão se formou em torno. Havia uma espécie de descampado, com algumas poucas árvores e carcaças de carroças semi-destruídas ou novas, pois ali havia uma oficina de veículos. O carroceiro, um homem careca de meia-idade, viu diversos parentes entre aqueles que foram arrastados.

Os homens de Hgar juntaram os acusados no meio do descampado. Eles tremiam pois sabiam qual seria o seu destino. O que eles não contavam era que, no meio da pequena multidão, espreitavam três pares de olhos que já haviam visto muitas coisas incompreensíveis aos olhos humanos.

E os soldados também não perceberam que, ziguezagueando dentre a população, três poderosas figuras, vestidas apenas com trapos, mas com longos cabelos brancos e belas peles lisíssimas, deslizavam, em silêncio absoluto, segurando as suas varinhas.



O mais forte dos soldados, que parecia ser o líder, aquele que tinha um manto vermelho nas costas, sacou a espada e apontou-a ao idoso capturado. Preparou a garganta e bradou bem alto para a população:

-Essas pessoas são traidoras e receberam a sentença de execução imediata!

Assim, para espanto e desalento da população, o soldado segurou o idoso pelos cabelos, com a mão esquerda, aproximando a sua cabeça do chão, e ergueu a espada. Contudo, ao descê-la, não conseguiu, pois fora vítima do encantamento coagulatio.

Ainda tentou descer o braço várias vezes, mas sem sucesso. A cena tangenciou algo de cômico e ouviu-se o riso abafado por parte de alguns que estavam ali. Mas isso irritou o capitão dos soldados. E, como sua boca não estava paralisada, ele, irado com a população, ordenou:

-Passai todos ao fio da espada!

Todos os soldados desembainharam as reluzentes espadas, exceto o besteiro que, estando prestes a disparar, viu atônito a sua arma derreter bem diante dos seus olhos. Mas, nessa hora, a população já corria em todas as direções, tomada pelo pânico. Os soldados perseguiram diversas pessoas, mas não obtiveram sucesso em dar cabo de nenhuma, pois foram atacados por uma salva de encantamentos partindo daquelas três varinhas.

E foi quando quase toda a população havia fugido, incluindo o idoso que ia ser degolado, pois o capitão procurava quem eram os seus desafidores, é que as magas se revelaram. Quando os soldados entenderam quem elas eram, se perfilaram, para atacá-las em grupo.

Mas as três irmãs, as magas Anilan, Alnitaka e Mintaka, formosas e belas, se, naquele momento, pudessem narrar suas próprias ações, assim diriam:

Aonde quer que esteja o opressor,

Aonde quer que o ditador estenda o seu punho...

E se aproximaram, uma ao lado da outra, dos soldados, resolutas e sem medo.

Aonde quer que o corrupto exerça o seu poder,

Asfixiando a população,

Lá estaremos,

Lutando e paralisando o injusto

Pois nós somos...

E pularam sobre uma carroça, apontando as suas varinhas, em posição de combate.

...As Três Marias!

#####

[www.mitraxsaga.com](http://www.mitraxsaga.com)

Próximo conto da Saga de Mitrax:

O Arcanjo Miguel e os Dragões de Kanera

Créditos das figuras:

Peter Nicolai Arbo e Jean-François Portaels